Bactris setosa Mart.

(tucum, tucum amarelo, tucum bravo, tucum do brejo)

Família: Arecaceae

Endêmica: sim[1]

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica[1]

Recomendação de uso: Restauração

O tucum é uma palmeira coberta de espinhos (estipe, folhas e brácteas florais), com touceiras de 2 a 6 m de altura, que ocupa o sub-bosque da floresta. Tem seus frutos apreciados por fauna. Espécie com distribuição no cerrado e mata atlântica.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos não madeireiros (cordas, recurso para fauna, ornamental)[2,8]

Características gerais

Porte: altura 2.0-6.0m DAP 2-4cm[2,8]

Cor da floração: -

Velocidade de desenvolvimento: Lenta[2]

Mudas de crescimento lento.

Persistência foliar: -

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: -

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: -

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: sim[8]

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas[8,9]

Solos úmidos e brejosos (LORENZI et al., 2004). Áreas encharcadas permanentemente e áreas com inundação temporária (MARTINS, 2007).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária tardia[6,7]

Polinizadores: Besouros e abelhas.[5]

Período de floração: -

Tipo de dispersão: Zoocórica[6,5,7,3]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: dezembro a fevereiro[2]

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: -

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: -

Produção de mudas: -

Tempo de germinação: 120 dias[2]

Taxa de germinação: -

Número de sementes por peso: 622/kg[2]

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra[3,4]

Bibliografia

[1] LEITMAN, P.; HENDERSON, A.; NOBLIC, L.; MARTINS, R. C. Arecaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 26 abr. 2013.

[2] LORENZI, H.; SOUZA, H. M.; MEDEIROS-COSTA, J. T.; CERQUEIRA, L. S. C.; BEHR, N. von. Palmeiras no Brasil: exótica e nativa. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1996.

[3] BORGO, M. A Floresta Atlântica do litoral norte do Paraná, Brasil: aspectos florísticos, estruturais e estoque de biomassa ao longo do processo sucessional. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

[4] TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. Colonização de clareiras naturais na floresta atlântica no sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 56-66, jun. 1997.

[5] YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

[6] GRINGS, M.; BRACK, P. Árvores na vegetação nativa de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre, v. 64, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2009.

[7] PEREIRA, T. S.; COSTA, M. L. M. N. da.; MORAES, L. F. D.; LUCHIARI, C. Fenologia de espécies arbóreas em floresta atlântica da Reserva Biológica de Poço das Antas, Rio de Janeiro, Brasil. Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre, v. 63, n. 2, p. 329-339, jul./dez. 2008.

[8] LORENZI, H.; SOUZA, H. M.; COSTA, J. T. M.; CERQUEIRA, L. S. C.; FERREIRA, E. Palmeira brasileira e exóticas cultivadas. Nova Odesa: Instituto Plantarum, 2004.

[9] MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.